



LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DO PARQUE AMBIENTAL POTI I DA CIDADE DE TERESINA - PI

Joécio Santos Sousa², Thiciane Maria Barreto Rodrigues², Amanda Santos Nepomuceno²

¹Artigo produzido como trabalho final da disciplina Estudo da Flora Regional

² Graduandos do Curso de Gestão Ambiental – Instituto Federal do Piauí – IFPI; E-mail: joeciondonnelly@hotmail.com; thycianerodrigues@hotmail.com; neponuq@hotmail.com.

Resumo: Criado pelo Decreto nº 2.642 de 24 de maio de 1994, o Parque Ambiental Poti I está localizado no bairro Cabral da cidade de Teresina, a margem esquerda do rio Poti entre as pontes Juscelino Kubitschek e a ponte Estaiada Isidoro França. O parque conta com espaços destinados a prática de esportes, tais como Cooper, quadras poliesportivas, praças, equipamentos esportivos e trilhas. Devido à importância das áreas verdes aos ambientes urbanos, o seguinte trabalho buscou listar as espécies arbóreas encontradas em um raio de 300 metros, para conhecer sua quantidade e frequência. Foram identificados 119 indivíduos e um não identificado, totalizando 120 indivíduos arbóreos, distribuídos em 29 espécies, sendo as espécies: *Enterolobium contortisiliquum* (Tamboril); *Bambusa sp* (Bambu); *Anadenanthera colubrina* (Angico-branco); *Leucaena leucocephala* (Leucena) e *Anacardium occidentale* (Caju) com maior frequência, respectivamente, no espaço percorrido.

Palavras-chave: Frequência, Inventário Florístico, Poti I, Quantidade

1. INTRODUÇÃO

Os ambientes urbanos estão caracterizados como um dos ambientes em maior processo de modificação, devido ao seu constante crescimento estrutural (edificações de prédios comerciais, habitacionais, vias públicas entre outros) e por conta da grande movimentação financeira. Entretanto, diversos fatores ecológicos são desconsiderados ao se ambientalizar o espaço urbano as necessidades imediatas do sistema capitalista vigente. A desconfiguração das áreas verdes naturais para a implantação de empreendimentos urbanísticos é um exemplo fácil de ser percebido nas grandes cidades, e como forma de compensação da perda da cobertura vegetal muita das vezes são implantados projetos de arborização que não condizem com a realidade local, acabando por serem ineficientes e prejudiciais aos patrimônios imobiliários públicos ou privados.

A retirada da cobertura vegetal para a compactação do solo acelera o processo de erosão, facilita a percolação superficial de águas pluviais aumentando assim sua velocidade, além de provocar o seu acúmulo e empossamento, agravando os problemas de drenagem urbana. O microclima é condição climática que é facilmente modificado devido à perda das áreas verdes nas cidades. Em concordância com Ibiapina et al (2007), as áreas verdes são um dos fatores de extrema importância para a caracterização do clima local, exercendo influências na qualidade do ar, nos níveis de barulho e sobre a paisagem, refúgio para a vida silvestre, áreas para contemplação, práticas de esportes e lazer, ou seja, indispensáveis para mensuração da qualidade de vida humana.

Devido à importância dos ambientes arborizados na determinação da qualidade de vida humana, o seguinte trabalho buscou fazer um levantamento florístico do Parque Ambiental Poti I da cidade de Teresina, identificando os indivíduos fanerogâmicos existentes, analisando sua quantidade para o posterior cálculo de sua frequência em um raio de 300 m, para assim mensurar a eficiência da cobertura vegetal do parque na construção da qualidade de vida da população.



1.1 Fundamentação Teórica

A cidade de Teresina, capital do estado do Piauí está localizada na confluência dos rios Poti e margem esquerda do rio Parnaíba. Possui uma área de 1.679,80 km², apresenta clima do tipo quente semi – árido, com dois períodos distintos, um seco com duração de oito meses no ano (IBGE citado por MENDONÇA, 2001), apresenta relevo plano, com ondulações e altitude média de 72 m (IBIAPINA et al, 2007).

A composição arbórea da cidade de Teresina foi sofrendo uma redução devido ao crescimento das áreas habitadas e em potencial habitacional, por conta da especulação imobiliária. De acordo com Feitosa et al (2011, p.68 e 72), em 20 anos Teresina perdeu 29,7% de suas áreas verdes em todo o perímetro urbano, onde as periferias possuem um número considerável de áreas arborizadas. Tal fato evidencia a maior necessidade de manejo e conservação das áreas verdes nas regiões centrais ou nos bairros mais próximos ao centro da cidade, já que a carência vegetal agrava os problemas quanto a ilhas de calor, aos ruídos e etc.

Hoje a capital do estado do Piauí conta com 29 parques ambientais distribuídos em cada zona da cidade. O Parque Poti I, criado através do decreto de nº 2.642 de 24 de maio de 1994, está destinado à conservação das áreas verdes, e o leito esquerdo do rio Poti, além de abrigar espécies da fauna local.

Em concordância com IBAMA (2002) citado por PORTELA & BRITO (2009), o uso e visitação desses ambientes conceituam-se como sendo atividades recreativas destinadas à interpretação ambiental, como por exemplo, a Educação Ambiental, em respaldados nos planos de manejo das Unidades de Conservação, permitindo assim ao visitante um contato mais próximo com a natureza. Mas, vale lembrar que os parques de Teresina não são classificados como Unidades de Conservação, pois os mesmos não apresentam em suas estruturas características de uma unidade, estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. (BRITO apoud PORTELA & BRITO, 2009, p. 02).

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Descrição da área

A seguinte pesquisa foi realizada no Parque Ambiental Poti I, 2.700m de extensão, localizado na margem esquerda do rio Poti, Av. Marechal Castelo Branco na área urbana da cidade de Teresina, entre a ponte Juscelino Kubitscheck e a ponte Estaiada Isidoro França. O parque apresenta na sua área quadras poliesportivas, passeios para pratica de Cooper, PM Box e um Monumento em homenagem a o motorista Gregório, local de peregrinação de muitos devotos, bem como as sedes do Conselho Municipal do Meio Ambiente, da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária, Secretaria Municipal do Turismo, Centro de Convenções – sede da Piauí Turismo - PIEMTUR e Assembléia Legislativa, como pode ser observado na figura 01.

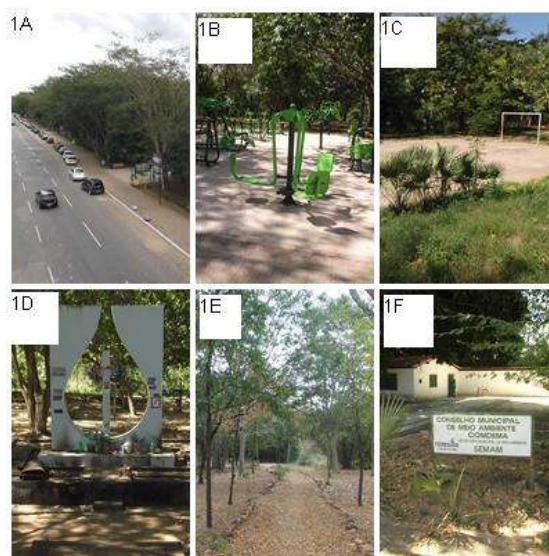


Figura 01 – Parque Ambiental Poti I. (1A): vista do Parque Poti I; (1B): equipamentos esportivos; (1C): quadra poliesportiva; (1D): monumento em homenagem ao motorista Gregório; (1E): trilhas; (1F): sede do Conselho Municipal de Meio Ambiente - COMDEMA

Fonte: Pesquisa direta, 2012

2.2 Levantamento Florístico

O trabalho foi realizado na forma de levantamento da flora existente no Parque, com a participação de um especialista da SEMAM (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) que nos ajudou na identificação através do nome vulgar das árvores existentes no local. As árvores encontradas foram enumeradas e listadas para posterior avaliação.

Para o cálculo da frequência dos indivíduos foi usado a seguinte fórmula:

$$Fo = a \cdot 100/A$$

Onde:

a = número de amostras onde o táxon ocorreu

A = número total de amostras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi percorrida uma área de 300m do parque, e dessa área foram analisados de 120 indivíduos distribuídos em 29 espécies, como se pode observar no quadro 01, sendo elas, nome vulgar: Oiticica, Oiti, Neem ou Nim, Angico branco, Leucena, Tamboril, Gonçalo Alves, coração de negro, Ipê rosa, Ipê amarelo, Ipê branco, Carolina, Acácia mimosa, Acácia, Acácia azul, Ingarana, Bambu, Caju, Jucá, Angico preto, Burra leiteira, Pau d'água, Jasmim manga, Jenipapo, Abricó de macaco, Tamarindo, Faveiro, Amburana e Pinho sete-copas.



Quadro 01- Relação dos indivíduos identificados no Parque Ambiental Poti I no de ano de 2012

Nº	Nome Vulgar	Nome Científico	Quant.	Frequência
1	Oiticica	<i>Licania rigida</i> Benth	8	6,67%
2	Oiti	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	5	4,16%
3	Nim	<i>Azadarachta indica</i> A. Juss	4	3,33%
4	Angico-branco	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	11	9,16%
5	Leucena	<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	10	8,33%
6	Tamboril	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	12	10,00%
7	Conçalo-alves	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	6	5,00%
8	Coração-de-negro	<i>Caesalpinia pluviosa</i> (Benth.) G.P. Lewis	8	6,67%
9	Ipê-rosa	<i>Tabebuia avellanedae</i> Lorentz ex Griseb	1	0,83%
10	Ipê-amarelo	<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandwith	2	1,67%
11	Ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i> (Ridl.) Sand.	1	0,83%
12	Carolina	Não identificada	1	0,83%
13	Acácia-mimososa	<i>Acacia podalyriifolia</i> A.Cunn. ex G. Don	1	0,83%
14	Ingarana	<i>Abarema junpunba</i> (Willd.) Britton & Killip	2	1,67%
15	Acácia	<i>Acacia sp</i> B Brenan	1	0,83%
16	Acácia-azul	<i>Acacia cyanophylla</i> Lindl	5	4,16%
17	Bambu	<i>Bambusa sp</i> Schreb	12	10,00%
18	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	10	8,33%
19	Juca	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	5	4,16%
20	Angico-preto	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	1	0,83%
21	Burra-leiteira	<i>Sapium lanceolatum</i> (Müll. Arg.) Huber	1	0,83%
22	Pau-d'água	<i>Terminalia tanibouca</i> Rich	1	0,83%
23	Jasmim-manga	<i>Plumeria rubra</i> L.	1	0,83%
24	Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	1	0,83%
25	Abricó-de-macaco	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl	1	0,83%
26	Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	3	2,51%
27	Faveiro	<i>Parkia multijuga</i> Benth	2	1,67%
28	Amburana	<i>A. cearensis</i> A.C. Smith	1	0,83%
29	Pinho-sete-copas	<i>Salacia elíptica</i> (Mart.) G. Don.	3	2,51%

Fonte: Pesquisa direta, 2012

Desta forma, observa-se que dentre os indivíduos analisados e identificados o que possui maior frequência foi o Tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*) e Bambu (*Bambusa sp*) ambos com 10%, seguido pelo indivíduo Angico-branco (*Anadenanthera colubrina*) com 9,16%. A Leucena (*Leucaena leucocephala*) e o Caju (*Anacardium occidentale*) com 8,33%, Oiticica (*Licania rigida*), Coração-de-negro (*Schinopsis brasiliensis*) com frequências iguais a 6,67%. Gonçalves Alves (*Astronium fraxinifolium*) com 5%. Oiti (*Licania tomentosa*) e a Acácia-azul (*Clitoria racemosa*) são identificados com 4,16%. O Nim (*Azadirachta indica*) e Tamarindo (*Tamarindus indica*) correspondem a 3,33% e 2,51% respectivamente. Ipê-amarelo (*Tabebuia alba*), Ingarana (*Abarema*



junpunba), Faveiro (*Parkia sp*) e Pinho sete-copas (*Salacia eliptica*) possuem, cada um, 1,67% de frequência. Ipê-rosa (*Tabebuia avellanedae*), Ipê-branco (*Tabebuia roseo-alba*), Carolina (não identificada), Acácia-mimosa (*Acacia podalyriifolia*), Acácia (*Acacia spp*), Angico-preto (*Anadenanthera macrocarpa*), Burra-leiteira (*Sapium lanceolatum*), Pau d' água (*Terminalia tanibouca*), Jasmim manga (*Plumeria rubra*), Jenipapo (*Genipa americana*), Abrió-de-macaco (*Couroupita guianensis*), Amburana (*A. cearensis*) todos possuem frequência igual a 0,83%.

A composição arbórea do Parque Poti I é tipicamente composta por indivíduos pertencentes ao bioma de cerrado e catinga, basicamente de regime de caducifolia (perda completa das folhas durante a estação seca), além de espécies exóticas. Dentre as espécies identificadas, listadas no quadro 02 a seguir, são utilizadas para a fabricação de medicamentos (segundo o costume local) a partir de suas folhas, casca ou frutos; forrageira, ornamentação; entre outras funções.

Quadro 02: Principais usos dados as espécies identificadas no Parque Poti I.

Nº	Nome Vulgar	Nome Científico	Principal Uso
1	Oiticica	<i>Licania rigida</i> Benth	Medicinal; ornamentação; forrageira
2		<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Ornamentação; frutífera; forrageira; madeira
3	Nim	<i>Azadarachta indica</i> A. Juss	Medicinal; ornamentação; controle biológico
4	Angico-branco	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Ornamentação; reflorestamento; forrageira; recuperação de área degradada
5	Leucena	<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	Reflorestamento; ornamentação
6	Tamboril	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Madeira; ornamentação; reflorestamento
7	Conçalo-alves	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Medicinal; reflorestamento; madeira
8	Coração-de-negro	<i>Caesalpinia pluviosa</i> (Benth.) G.P. Lewis	Medicinal; madeira; ornamentação
9	Ipê-rosa	<i>Tabebuia avellanedae</i> Lorentz ex Griseb	Madeira; ornamentação
10	Ipê-amarelo	<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandwith	Madeira; ornamentação
11	Ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i> (Ridl.) Sand.	Reflorestamento; ornamentação; madeira
12	Carolina	Não identificada	-
13	Acácia-mimosa	<i>Acacia podalyriifolia</i> A.Cunn. ex G. Don	Ornamentação
14	Ingarana	<i>Abarema junpunba</i> (Willd.) Britton & Killip	Ornamentação
15	Acácia	<i>Acacia sp</i> B Brenan	Ornamentação; madeira; reflorestamento
16	Acácia-azul	<i>Acacia cyanophylla</i> Lindl	Ornamentação; madeira; reflorestamento;
17	Bambu	<i>Bambusa sp</i> Schreb	Ornamentação; madeiro (confecção de produtos)
18	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Frutífera; medicinal
19	Juca	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Recuperação de área degradada; madeira, ornamentação
20	Angico-preto	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	Madeira; medicinal; ornamentação
21	Burra-leiteira	<i>Sapium lanceolatum</i> (Müll. Arg.) Huber	Restauração de área degradada; ornamentação
22	Pau-d'água	<i>Terminalia tanibouca</i> Rich	Ornamentação
23	Jasmim-manga	<i>Plumeria rubra</i> L.	Ornamentação
24	Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Frutífera; medicinal; comercial
25	Abrió-de-macaco	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl	Ornamentação; frutífera; madeira
26	Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Frutífera, medicinal; comercial



27	Faveiro	<i>Parkia multijuga</i> Benth	Ornamentação; madeira; recuperação de áreas degradadas
28	Amburana	<i>A. cearensis</i> A.C. Smith	Medicinal; madeira; ornamentação
29	Pinho-sete-copas	<i>Salacia elíptica</i> (Mart.) G. Don.	Ornamentação; madeira

Fonte: Pesquisa direta, 2012

São inúmeros os benefícios propiciados pelas áreas verdes aos ambientes urbanizados, a exemplo disto, o Parque Poti I, possui uma utilização direta pela população, sejam através da prática de exercícios físicos, esportes, visitação dos monumentos históricos (símbolos religiosos) ou pela contemplação estética do local ou para a prática de Educação Ambiental, assim como pode ser observado na figura 01, que apresenta os principais componentes estruturantes do parque. Em concordância com NUCCI (2001) citado por REZENDE & SANTOS (2010, p. 142), a conservação dos ambientes arborizados permitem auxiliar melhorias na saúde física e mental da população, seja na redução do estresse e na quebra da monotonia estrutural das cidades, propiciando relaxamento pelo o contato com a natureza.

O objeto de estudo desta pesquisa, por exemplo, apresenta característica de mata ciliar, pois sua vegetação acompanha a margem esquerda do rio Poti, mas o mesmo não se enquadra como uma APP – Área de Proteção Permanente – segundo a Lei 4.771/65, já que este não apresenta características de uma Unidade de Conservação (anteriormente citado).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a importância das áreas verdes aos ambientes urbanos, sua funcionalidade é indispensável para a manutenção da qualidade de vida da população e para o equilíbrio dos fatores ecológicos. A área arbórea aqui analisada enquadra-se perfeitamente nos quesitos de espaços destinados a recreação, contemplação e reestruturação da mata ciliar.

As espécies identificadas são basicamente originárias dos biomas cerrado, caatinga, mata atlântica, no intuito de recompor a cobertura vegetal da margem esquerda do rio Poti, para a ornamentação do ambiente e quebra da monotonia do espaço urbano, devido a sua exuberância.

Portanto, pôde-se identificar que a diversidade de indivíduos arbóreos e arbustivas somam uma grande importância ao Parque Poti I, tanto pelas suas capacidades de contemplação e lazer, quanto pela sua função como mata ciliar do rio Poti, auxiliando na manutenção e sobrevivência do mesmo. Logo, o conhecimento das estruturas e composição faunística de um ambiente se torna um bom instrumento de Gestão Ambiental, devido suas propriedades recuperativas de ambientes degradados e promovendo melhorias na estética da cidade e no microclima da região.

REFERÊNCIAS

BRITO, J.S. O Uso e os Aspectos Legais das Unidades de Conservação de Teresina-PI. 2004, 131p. Monografia (Graduação em Gestão Ambiental) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí, Teresina

BIAPINA, S.J; SILVA, E.A; CARVALHO, A.K,S; BRITO, J, S. Análise quali-quantitativa da arborização da avenida dumont, zona norte, teresina-pi. II Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica. João Pessoa - PB – 2007.



FEITOSA. S,M,R; GOMES. J,M,A; NETO. J,M,M. ANDRADE. C,S,P. Consequências da Urbanização na Vegetação e na Temperatura da Superfície de Teresina-Piauí. Soc. Bras. de Arborização Urbana, REVSBAU, Piracicaba – SP. 20011, 58-75p.

MENDONÇA, F. Aspectos da interação clima – ambiente - saúde humana: da relação sociedade – natureza à (in)sustentabilidade ambiental. Curitiba, PR: editora da UFPR, 2000.

PORTELA. M,G,T; BRITO. J,S. O uso dos parques urbanos de teresina-pi: estudo de caso do parque beira rio. IV Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica. Belém – PA – 2009.